



5

OSEIAS A MALAQUIAS

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Oscar F. Reed
Armor D. Peisker
H. Ray Dunning
William M. Greathouse

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

OSÉIAS A MALAQUIAS

5



O Livro de
HABACUQUE

H. Ray Dunning

Introdução

A. O Profeta

O conhecimento que possuímos sobre a pessoa de Habacuque é muito pouco. O livro menciona apenas o nome do profeta e, na Bíblia, ocorre somente aqui. Há tradições que em grande medida são fantasiosas, mas, talvez, haja alguma partícula de verdade histórica. Até a derivação de seu nome admite várias possibilidades.

Primeiramente, o nome é bem parecido com a palavra assíria *humbalcuku*, que é o nome de uma flor. Também está relacionado com a palavra hebraica que significa “apertar” ou “abraçar”. Este ponto de vista foi sustentado por Jerônimo e mantido por Martinho Lutero, que o verteu a uma interpretação interessante: “Ele abraça o seu povo e o leva nos braços, ou seja, o consola e o levanta, como alguém que abraça a criança ou pessoa chorona para acalmá-la com a garantia de que, se Deus quiser, tudo vai melhorar”.¹

Jerônimo interpretou o nome de forma a indicar o amor do profeta por Deus ou que discutiu com Deus para fazer alegações lógicas e persuasivas. A tradição rabínica também é de opinião que “abraçar” é o sentido do radical de seu nome, e apresenta Habacuque como filho da mulher sunamita que Eliseu restaurou à vida (2 Rs 4.16-37). Isto está parcialmente baseado na possibilidade de que a forma abstrata do nome signifique “querido”, “pessoa bem amada”. Mas aqui estamos no reino da imaginação.

De 3.19, conjectura-se que Habacuque tinha qualificações oficiais para tomar parte no canto litúrgico do Templo, ou seja, era integrante do coro do Templo. O arranjo musical do capítulo 3 apóia esta opinião. Neste caso, pertencia a uma das famílias dos levitas que tinha a incumbência de cuidar da música do Templo.

Habacuque é exemplo da ocorrência rara em que um dos profetas é chamado “o profeta” (1.1, *nabi*). Este título nos leva a crer que as pessoas reconheciam que era um profeta profissional.

Há outra fonte de informação intitulada *Leis dos Profetas*. Data de cerca de fins do século IV, mas de autoria incerta e de texto considerado bastante ambíguo. Esta obra relata que, quando Nabucodonosor veio contra Jerusalém, Habacuque fugiu para um lugar chamado Ostraquine, no litoral egípcio. Depois que os caldeus foram embora, voltou para sua pátria, onde morreu e foi enterrado, dois anos antes dos judeus exilados voltarem da Babilônia em 537 a.C.

B. O Período

A mensagem de Habacuque não está limitada a tempo; contudo, sua época levanta as perguntas que ele faz. Era contemporâneo do profeta Jeremias, cujo livro é datado tradicionalmente ao redor de 600 a.C., não muito tempo antes do cativeiro babilônico em 586 a.C. A questão da data é mais importante no estudo deste livro do que em muitos outros. Na realidade, está estreitamente relacionada com a interpretação da mensagem. Se conseguíssemos determinar conclusivamente quem eram os povos que preocupavam Habacuque, poderíamos situá-lo historicamente com mais precisão. Este é um dos pro-

blemas complicados do Antigo Testamento. Não há fonte extrabíblica pela qual possamos definir quem eram os inimigos. Esta falta obriga o estudante a depender totalmente do teor da profecia, o que está longe de ser conclusivo. O principal problema é identificar o “ímpio” a quem denuncia no primeiro parágrafo (1.4). O único consenso geral sobre a data é que o livro está situado entre 697 e 586 a.C.

Os rolos do mar Morto, coletânea de escritos descoberta em 1947/1948 nas proximidades do mar Morto, exercem muita influência em grande parte do estudo do Antigo Testamento. Entre os documentos, há um comentário sobre o livro de Habacuque. Este comentário é considerado a prova mais antiga “do texto de Habacuque talvez por muitos séculos”.² Os estudiosos o datam no século I a.C. Por conseguinte, tem grande peso nas interpretações mais recentes de Habacuque.

Taylor³ destaca três questões, as quais afirmam que os rolos do mar Morto elucidaram:

1) *O capítulo 3 não era parte original do livro.* O comentário só tratou dos capítulos 1 e 2; nada fala sobre o capítulo 3. A maneira como o livro foi enrolado invalida a objeção de que o capítulo 3 tenha sido arrancado. Isto não quer dizer que Habacuque não foi o autor do capítulo 3. A posição de J. H. Eaton é que o profeta o compôs mais tarde como salmo litúrgico e, subsequente, o acrescentou à obra original. É plausível.

2) *O uso do nome “caldeus” em 1.6 é genuíno.* Este era um dos principais pontos de debate. Ao considerar uma palavra estreitamente relacionada como substituto (*chittim*), certos expositores esforçaram-se em interpretar que os vingadores que o Senhor utilizava eram os gregos de Alexandre, o Grande. O comentário encontrado entre os rolos do mar Morto teria tido toda razão em usar esta palavra substituta, mas retém a leitura tradicional. Pelo visto, isto é bastante decisivo em limitar a interpretação da passagem ao período dos caldeus.

3) *O livro de Habacuque teve muitos textos variantes até o século I a.C.* Isto permite que as numerosas pretensas composições ao longo dos anos foram examinadas exaustivamente por muitos estudiosos. É óbvio que este texto variou ao ser copiado, mas grande parte das alterações nas passagens para se ajustar às várias teorias é bastante arbitrária e imaginativa.

C. Os Problemas

Dois problemas incomodam o profeta. Ambos têm a ver com a maneira com que Deus lida com os homens. Habacuque é um dos poucos que foram ousados em argumentar e discutir com Deus. Talvez o versículo fundamental seja 2.1: “Sobre a minha guarda estarei, e sobre a fortaleza me apresentarei, e vigiarei, para ver o que fala comigo e o que responderei, quando eu for argüido”.

A resposta crucial está em 2.4b: “Mas o justo, pela sua fé, viverá”.

Esboço

I. A QUEIXA DE HABACUQUE, 1.1-4

- A. Título, 1.1
- B. O Problema do Profeta, 1.2-4

II. A RESPOSTA DE DEUS, 1.5-11

- A. A Obra de Deus, 1.5
- B. O Instrumento da Obra de Deus, 1.6-11

III. HABACUQUE REPLICA A DEUS, 1.12-17

IV. A VIGÍLIA DE ORAÇÃO, 2.1-6a

- A. O Monólogo do Profeta, 2.1
- B. A Visão Permanente, 2.2,3
- C. A Resposta Divina, 2.4
- D. O Destino do Ganancioso, 2.5,6a

V. Os CINCO AIS, 2.6b-20

- A. O Capitalista Impiedoso, 2.6b-8
- B. O Vilão Rico, 2.9-11
- C. O Governante Fraudulento, 2.12-14
- D. O Explorador Bêbedor, 2.15-17
- E. O Idólatra Tolo, 2.18-20

VI. HINO LITÚRGICO, 3.1-19

- A. Introdução, 3.1
- B. A Oração, 3.2
- C. A Obra, 3.3-16
- D. A Afirmação de Fé, 3.17-19

SEÇÃO I

A QUEIXA DE HABACUQUE

Habacuque 1.1-4

A. TÍTULO, 1.1

Embora Habacuque seja chamado **profeta** (*nabi*), não é um mensageiro no sentido tradicional. A função do profeta era falar com o povo em nome de Deus para proclamar a vontade divina que foi recebida em revelação especial. No caso dele, vemos justamente o inverso: Fala com o Senhor em nome do povo. Mantém um discurso com Deus e o faz de maneira tal que quase chegamos a classificá-lo de cético em vez de profeta. “Este é o começo da especulação em Israel”.¹

É possível que o que realmente temos aqui seja um vislumbre da vida interior de um profeta; os conflitos secretos antes da proclamação. De certo modo, um tanto quanto diferente, temos a mesma coisa no caso de Oséias, cujos problemas matrimoniais lhe prepararam o coração para a mensagem que tinha de anunciar. Com Habacuque, pode ser a elaboração trabalhosa, na bigorna da vida, de um ponto teológico fundamental de sua pregação pública. Esta idéia estaria de acordo com a argumentação de Davidson,² a qual defende que o verdadeiro tema do livro é a destruição dos caldeus narrada no capítulo 2.

Peso (1; “oráculo”, ECA; “sentença”, ARA; “mensagem”, NTLH; “advertência”, NVI) implica revelação. Refere-se muitas vezes a acontecimentos futuros e também é usado com relação ao pronunciamento de destruição (cf. Ob 1).

B. O PROBLEMA DO PROFETA, 1.2-4

É precisamente no ponto de identificar a ocasião da queixa que surge a maior diversidade de interpretações. Há pelo menos cinco opiniões nitidamente diferentes, cada

qual com uma defesa elaborada de sua posição. A interpretação que requer mais malabarismo do texto é a que identifica o **ímpio** (4) com os próprios caldeus. Porém, o estabelecimento da veracidade da leitura do versículo 6 no tempo futuro, sensatamente elimina esta identificação. O candidato mais provável, ainda que com pouca probabilidade, é o Egito. Se a profecia for colocada durante o primeiro reinado de Jeoaquim, há boas razões para o Egito ser o objeto da queixa de Habacuque. O referido rei de Judá era vassalo do Egito durante o reinado de Faraó-Neco, que há pouco matara Josias e estabelecera posição segura na Ásia a leste da Palestina.

Outra resposta mais provável e que recebe apoio considerável é identificar o **ímpio** com a Assíria, que fora o foco da atenção de Naum. Este terror das nações oprimia Judá e exercia grande influência em seus assuntos internos. Igualmente foram os caldeus que deram um fim a esta grande e temível nação.

Há um argumento a favor da opinião de que a queixa é dirigida à interferência estrangeira: a ausência de exortação ao arrependimento. Supõe-se que haveria tal exortação se a queixa fosse por causa das “maldades nacionais”.³ Seguir esta linha de argumentação leva à conclusão de que 1) a profecia foi escrita durante os dias de Josias, quando a idolatria era proibida; e que 2) o profeta levantava um lamento por seu povo em virtude da opressão imerecida que os estrangeiros exerciam sobre eles.

Contudo, é muito provável que esta queixa seja ocasionada pelo mal dentro da própria nação do profeta de Judá. Esta é a interpretação tradicional e a que faz mais sentido no quadro geral, como revela a natureza da segunda queixa.

Até quando? (2), o profeta clama, mas Deus não ouve. Então questiona o Senhor. Por que é que Deus nada faz? Trata-se do problema clássico: “A verdade está sempre no patíbulo. O mal está sempre no trono”. A situação excruciante surge da vasta discrepância entre fé e fato. Se Deus é justo e soberano, por que o justo sofre enquanto o ímpio prospera? Esta é a pergunta feita por milhares de pessoas de todas as épocas. O problema que Habacuque trata em nível nacional é o mesmo que o livro de Jó menciona na esfera pessoal. É mais fácil lidar com o problema em nível pessoal; portanto, a prova para a fé de Habacuque é muito mais severa.

Só quem possui fé em um Deus bom tem problema com relação ao governo do mundo. Quem acredita em politeísmo ou numa deidade indiferente ou má, não tem problema com as injustiças flagrantes no mundo. É a fé monoteísta que tem de lutar por sua existência em face dos fatos que a desafiam.

Muitos julgam que é um atrevimento questionar a operação de Deus. Esta posição é falsa e a prova é a inclusão das reclamações de Jó e Habacuque na Bíblia. Se precisarmos de mais provas, ouçamos o grito do Calvário: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt 27.46; Mc 15.34). Provavelmente, é mais errado abafar as dúvidas sinceras do que dar expansão a elas no esforço sério de achar uma pista para o significado da vida. G. A. Smith tinha razão quando observou em um dos seus comentários incisivos: “Não são os temperamentos mais rudes, mas os mais excelentes que são expostos ao ceticismo”.

No versículo 2, o profeta usa dois verbos para denotar clamor. O primeiro (**clamar**) é usado especialmente como clamor de ajuda; o segundo (**gritar**) significa gritar quando a pessoa leva um susto. Ambos os verbos também são empregados em Jó 19.7.

As injustiças civis eram abundantes (3), situação também prevalente no século VIII a.C., nos dias de Amós e Oséias que clamaram com veemência contra tais perversões.

sões. Há três pares de substantivos usados para destacar a situação: **iniquidade** e **ve-xação** (perversão), **destruição** e **violência**, e **contenda** e **litígio** (cf. Is 58.4). Esta é a paráfrase do versículo: “Será que eu tenho de assistir a todo esse pecado e a toda essa tristeza à minha volta para sempre? Para qualquer lugar que olhe, existe violência e chantagem. Homens que dão a vida por uma discussão e uma briga” (BV).

A **lei** (4) é a Torá, o termo judaico para referir-se à lei de Moisés. **Sentença** e **juízo** (ambos tradução de *mishpat*) dizem respeito à prática ou costume estabelecido. ⁴ A Torá era o manancial de toda a justiça legal, mas aqui as pessoas eram despojadas de seus benefícios, principalmente porque o **ímpio cerca o justo**. O verbo hebraico traduzido por **se afrouxa** quer dizer “fica entorpecida” ou “fica paralisada” (cf. Gn 45.26, onde é traduzido por “desmaiou”). Esta era a situação que vigorava durante o reinado de Manassés, com um partido governante que não temia a Deus. A verdadeira liberdade e justiça estão firmemente baseadas na religiosidade e na retidão. Sempre que estas características estão ausentes, a justiça é pervertida. Habacuque deduz que mesmo onde haja algo semelhante à justiça, **sai o juízo pervertido** (o julgamento “sai pervertido”, Smith-Goodspeed; cf. “a justiça é torcida”, ARA). O ímpio torce o julgamento “justo” para seus próprios fins.

SEÇÃO II

A RESPOSTA DE DEUS

Habacuque 1.5-11

A. A OBRA DE DEUS, 1.5

A resposta de Deus para Habacuque é esta certeza consoladora: Eu estou empenhado. A frase **vede entre as nações** mostra o lugar onde o Senhor trabalha. A mesma palavra é traduzida no versículo 13 por “os que procedem aleivosamente”. Diversos expositores sugerem que o versículo 5 deveria ter a leitura: “Vede, incrédulos” (*i.e.*, judeus incrédulos; ¹ cf. At 13.41: “Olhem, escarnecedores”, onde a NVI segue a LXX). ²

No original hebraico, o aviso: **maravilhai-vos, e admirai-vos** contém duas formas do mesmo verbo. Taylor sugere a seguinte reprodução: “Estremecei e ficai horrorizados”. ³

O profeta declara: **Vós não creereis** no que Deus fará. Era inacreditável que a colossal estátua de ferro da Assíria tivesse pés de barro e logo estatelaria no chão. ⁴ Ou, talvez fosse incrível aos judeus que Deus lhes entregasse nas mãos uma nação estrangeira – que tinha o Templo, os sacrifícios e a cidade de Davi.

A frase **em vossos dias** limita a profecia à vida das pessoas a quem o profeta se dirigia, se quisermos manter a integridade do livro.

B. O INSTRUMENTO DA OBRA DE DEUS, 1.6-11

O vocábulo **caldeus** (6) é derivado da palavra hebraica *kasdim*, que é o termo babilônico e assírio *kaldû* mencionado nas inscrições assírias de cerca de 880 a.C. Os kaldû habitavam na região mais baixa da Babilônia. Em 721 a.C., Merodaque-Baladã tornou-se rei e reinou por 12 anos (Is 39.1). De acordo com as inscrições, foi chamado rei da terra dos kaldû. Sob o reinado de Nabopolassar e Nabucodonosor, os kaldû tornaram-

se a classe governante na Babilônia. A princípio, há indícios de que Nabopolassar foi vice-rei da Babilônia durante o reinado de Assurbanipal da Assíria e seu sucessor. Durante uma insurreição de povos vassalos do sul, provavelmente em 612 ou 611 a.C., juntou forças com os rebeldes e declarou independência da Assíria.

Pela época da data tradicional de Habacuque, já fazia 20 anos que Nabopolassar estava no trono e era bem conhecido em Judá. Esta data limita a significação profética da primeira visão. No esforço de explicar isto, Driver sustenta que a palavra **suscito** significa: “Estou suscitando para estabelecer e confirmar”, para dizer que a Babilônia ainda não estava em posição de desafiar o domínio da Assíria.

Em seguida, Habacuque passa a fazer uma descrição dos invasores caldeus.

1. Seu Caráter (1.6)

Os caldeus eram **nação amarga e apressada**, “uma nação selvagem e ameaçadora dominada por impulsos violentos, que sem pensar cometiam ações terríveis”.⁵

2. Sua Arrogância (1.7)

A declaração: **Dela mesma sairá o seu juízo e a sua grandeza**, é mais bem traduzida por “criam eles mesmos o seu direito e a sua dignidade” (ARA). Os caldeus tornaram-se “lei para si mesmos” (cf. NTLH), ao presumirem superioridade política. **Juízo** é *mishpat*, que ocorre no versículo 4 (ver comentários ali); aqui indica direito legal e moral. O direito internacional não era um conceito para tais tribos bárbaras, nem havia a idéia de lei natural que estipulasse os cânones universais da justiça. O poder era o que determinavam, e os padrões de justiça eram erigidos em sua supremacia militar.

3. Sua Tática (1.8)

Os **leopardos** estão entre os animais mais velozes de todos e que ficam à espreita de suas presas, sobre as quais pulam inesperadamente. Os **lobos à tarde** são mencionados duas vezes nas Escrituras (cf. Sf 3.3). Eram símbolos de ferocidade “por causa das súbitas destruições que, na avidez da fome, cometiam nos rebanhos naquela hora do dia”.⁶ **Os seus cavaleiros espalham-se por toda parte** tem esta interpretação: “As suas tropas de cavalos marcham orgulhosamente” (BV). As **águias** referem-se aos abutres, não aos urubus que se alimentam de carne putrefata; trata-se do abutre que, em vôos ou de pontos altos, vasculha o território em busca de presas vivas.

4. Suas Conquistas (1.9)

Este é um dos versículos mais difíceis do livro. A primeira frase está devidamente inteligível, mas a seguinte é dúbia, e deixa o texto ambíguo. Esta tradução: “O terror deles vai adiante deles” (RSV), é reconhecidamente uma emenda do texto. Certos comentaristas dão o significado de que a conquista do território é tão veloz e ávida que parece que o engolem. Esta interpretação apóia-se na palavra hebraica traduzida por **buscará**. Está relacionada a um verbo que em Gênesis 24.17 é traduzido por: “Deixa-me beber”, ou literalmente, “obriga alguém a engolir eles”. Como o vento oriental, cujo poder de secar é tão eficaz que parece beber a umidade, “sorvem” suas vítimas.

A interpretação mais consistente diz que esta passagem refere-se às conquistas, que se assemelhavam ao forte vento oriental que irredutivelmente avançava.

5. *Sua Invencibilidade* (1.10)

Não há poder que resista à vitória arrasadora dos caldeus. Eles marcharão com menosprezo sobre todos que ousarem resistir. **Amontoando terra** diz respeito à tática militar de fazer montículos até à altura do muro dos defensores. Assim, os guerreiros atacantes estavam em nível com os defensores e anulavam a proteção dos muros.

6. *Sua Exaltação* (1.11)

A primeira frase é excessivamente difícil.⁷ Pelo visto, há três etapas na auto-exaltação dos caldeus: 1) Estavam tão cheios de orgulho por terem tomado as fortalezas que mudaram de direção e passaram para novas conquistas, talvez para Judá. 2) **E se farão culpados** é tradução apoiada por Lehrman. 3) O terceiro passo é fortalecer o seu deus. Este é o consenso, em oposição a **atribuindo este poder ao seu deus**. Em todo caso, significa que, ao divinizar seu próprio poder, se tornaram culpados de negar a Deus.

Eaton argumenta que esta descrição (6-11) não estabelece com precisão o avanço dos exércitos babilônicos. Se este julgamento for aceito, não há porque nos inquietar. A visão de Habacuque é uma descrição do tipo apocalíptico de uma visita de julgamento. Certos expositores defendem que estes invasores são figuras apocalípticas sem terem contrapartes históricas em particular. Talvez, a posição aceitável seja que, mesmo que esta não seja descrição histórica detalhada, é referência a um determinado povo e sua tarefa como instrumento de Deus.

Temos aqui, implicitamente, uma filosofia da história que se harmoniza com os vislumbres dos grandes profetas, como Isaías. Deus é o Senhor da história, que transforma a fúria dos homens em Seu louvor. O Todo-Poderoso usa os homens que têm outros objetivos e atribuem seu poder a outras fontes para atingir seus propósitos na história. Assim, seu governo está seguro e, ao mesmo tempo, as nações permanecem responsáveis por suas ações. Contudo, esta fé levanta outro problema, talvez até mais grave para Habacuque, o qual ele continua a questionar.

SEÇÃO III

HABACUQUE REPLICAA DEUS

Habacuque 1.12-17

Agora, a pergunta de Habacuque não é: Por que este tipo de mundo?, mas: Por que o Senhor é como é? Este é um novo tipo de especulação em Israel. O profeta tem uma fé básica no tipo de Deus conhecido por Israel, e soa-lhe incompatível que o Todo-poderoso use um instrumento tão injusto como os caldeus. **Nós não morreremos** (12) pode ter a leitura: “Tu não morrerás” (Moffatt; cf. NVI; NTLH). Se esta leitura for mantida, torna-se expressão de fé apesar das dúvidas do profeta. O significado também se ajusta à última parte do versículo que relata por que Deus estabeleceu a nação caldéia – **para castigar**, ou seja, para corrigir seu povo.

Habacuque não tem dúvida sobre a santidade de Deus. Esta característica divina é de natureza absoluta e moral: **Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal e a vexação** (“maldade”, NVI) **não podes contemplar** (13). A santidade de Deus não pode tolerar o pecado e qualquer forma de mal. Mas o problema é que o povo escolhido para ser castigado **é mais justo** que o povo que administra o castigo. O medo toma conta do coração do profeta ao ver o avanço voraz dos caldeus e perceber que logo o seu povo, até o remanescente fiel, será apanhado na rede.

Os homens tornam-se como os desgraçados **peixes do mar** (14), ou as minhocas (cf. “cardumes”, BV), sem líder diante do avanço inexorável. O quadro da pesca é desenvolvido. O pescador (a Caldéia) os apanha com o **anzol** (15) e atrai muitos peixes do mar com a **rede** e a **rede varredoura** (“arrastão”, ECA). Este processo continua até encher as redes. Depois, amontoa os peixes na praia para que morram.¹

Sacrificar **até sua rede** (16) deve ser comparado ao versículo 11, e indica que adoravam sua força e poder. Queimar **incenso** ao seu arrastão sugere que viviam no luxo, regozijando-se em auto-adoração, fazendo da força seu deus.

Desesperado, Habacuque conclui seu lamento no versículo 17 com estas palavras comoventes (tradução de Smith-Goodspeed):

*Continuará ele esvaziando sua rede para sempre,
E nunca cessará de aniquilar as nações?*

SEÇÃO IV

A VIGÍLIA DE ORAÇÃO

Habacuque 2.1-6a

Esta passagem é a parte mais bem conhecida da profecia de Habacuque. Há dois versículos, pelo menos, freqüentemente citados, que estão cheios de significado para os dias de Habacuque e a atualidade. Sem dúvida, é a passagem principal do livro. Perplexo pelo próprio rompante de precipitação em contestar Deus no tribunal da justiça humana, o profeta tem certeza de que a resposta do Senhor desta vez será na forma de repreensão. Como deve ter ficado surpreso quando recebeu a resposta, pois Deus não se perturbou com a revolta deste pobre mortal!

A. O MONÓLOGO DO PROFETA, 2.1

Agora o profeta não fala com Deus, mas medita sobre o resultado dos acontecimentos passados. Ele propõe abrigar-se em sua **torre** (“torre de vigia”, ECA). Trata-se de termo figurativo, e, talvez, seja seu lugar de oração. Ali se postará “como a sentinela que da torre de vigia olha à distância”¹ (cf. 2 Sm 18.24; 2 Rs 9.17). Esta expressão refere-se figurativamente a certa parte da **fortaleza** em que a sentinela se postava (cf. Na 2.1). Driver sugere a palavra “documento”. Isto dá a entender que o profeta instaurou processo judicial (**fortaleza**) contra Deus para ver como o Senhor resolveria o problema. Por outro lado, indica também que tinha uma trincheira a guardar a herança da verdade do passado que agora precisa ser esclarecida por causa desta reviravolta dos acontecimentos. **Vigiarei, para ver** significa que o profeta “olhará para frente”, a fim de ver melhor.

Quando eu for argüido é literalmente “a queixa de mim”, o que é ambíguo. À luz do contexto, Douglas, Driver e colegas pensam que significa a queixa *do* profeta e não *contra* o profeta. Exatamente o inverso é compreendido pela maioria das traduções americanas. As palavras lancinantes de Taylor dão apoio a essa maioria: “Não se pode negligenciar o elemento de arrogância implícito na exigência de que Deus respondesse ao homem pelo comportamento deste”.²

Tratava-se de tempo de retiro, no qual o profeta, em quietude de alma, veria o que estava indiscernível na agitação da vida. Em tempos de crise, precisamos nos

desprender por certo tempo para comungar com Deus; termos nossa visão elucidada e nossas perspectivas ajustadas.

B. A VISÃO PERMANENTE, 2.2,3

O Senhor respondeu sem reprovar Habacuque por sua queixa. A resposta veio-lhe na forma de **visão** (2), ou seja, uma profecia ou revelação. Tinha de ser escrita em tabletes, não em **tábuas** – primeiro, para que todos pudessem ler; e segundo, porque era para o futuro. Os tabletes eram de barro cozido, e tinham grande qualidade duradoura. Já houve quem sugerisse que o uso habitual de tais tabletes era para notificações públicas (cf. Is 8.1).³

Torna-a bem legível é referência a Deuteronômio 27.8. Diz respeito a “escrita clara é precisa” **para que a possa ler o que correndo passa**. Lehrman traduz esta frase assim: “Para que a possa ler num instante”. Adam Clarke contesta esta idéia com base em que Deus nunca quis que suas palavras fossem entendidas pelos indiferentes e negligentes. Argumenta que a Bíblia não deve ser lida como uma tabuleta, mas com estudo, meditação e oração. Na sua interpretação, as palavras dizem que quem lê atentamente faz com que sua vida seja salva sem demora do ataque caldaico. Outros entendem que o texto significa que quem lê pode correr e anunciar a mensagem a todos que estiverem ao seu alcance. Há estudiosos que dizem que é uma expressão idiomática do hebraico.

Porque a visão é ainda para o tempo determinado (3). A visão é para o futuro e é direcionada para o **fim**. A visão propriamente dita é personificada, a segunda frase é traduzida literalmente: “Anela em direção ao fim”. O verbo na frase **não mentirá** é o mesmo usado para referir-se aos rios que secam no verão.⁴ Esta profecia avança avidamente para sua realização, e não “secará” até que seja cumprida.

O profeta acrescenta ânimo à paciência para que o leitor não desfaleça na espera, mesmo que demore. Compare a proclamação aos santos na tribulação, a quem o anjo bradou literalmente: “Não haverá mais demora!” (Ap 10.6, NVI).

De acordo com Driver, a palavra **tardar** significa, literalmente, “estar atrás”, para confirmar que o cumprimento chegará na hora certa, não se atrasará. “Virá, se não na época de Habacuque, no tempo de Deus”.⁵

Vislumbramos novamente que a filosofia profética da história é linear, com um ponto terminal. Os gregos antigos julgavam que a história era circular, e constituía “a imagem movente da eternidade” (Platão). Muitos, na atualidade, acham que a história não tem sentido, porque não vai a parte alguma. Ao contrário destes, o profeta crê que a história está sob o controle divino e move-se em direção a um ponto culminante, quando “o julgamento justo de Deus será revelado”. Ainda que o pensamento apocalíptico, ao qual isto alude, surja especialmente em períodos de perseguição, a tradição hebraico-cristã é de essência inteiramente apocalíptica.⁶

C. A RESPOSTA DIVINA, 2.4

Este versículo é o clímax do livro, pois nele temos a apogeu da procura do profeta. Infelizmente, o texto está bastante mutilado.

Eis que a sua alma se incha, não é reta nele. Há leituras alternativas, ambas adotadas pela maioria das traduções, para dar esta versão literal: “Eis que está inchada; não é reta sua alma nele”. O comentário Ain Feshka apóia “inchada” em lugar de “não endireitada”.⁷ Mudando uma letra na palavra hebraica para a segunda leitura, temos esta tradução muito boa: “Aquele, cuja alma não é reta nele, fracassará” (RSV). Esta versão tem força, porque assim assume a forma de paralelismo antitético com dois assuntos em contraste: o “ímpio” (conforme paráfrase aramaica) e o **justo**.

A Septuaginta dá espaço para uma conclusão um tanto quanto diferente, e a citação do Novo Testamento deste versículo em Hebreus 10.38 segue esta tradução: “Mas o justo viverá da fé; e, se ele recuar, a minha alma não tem prazer nele”. É isto que Smith-Goodspeed segue em sua tradução: “Na verdade, o ímpio – não tenho prazer nele”.

Qualquer que seja a forma em que o versículo seja fraseado, o significado é claro. Indivíduos como os caldeus que são inchados com o senso de valor próprio, mas não são retos aos olhos de Deus, logo perecerão. Eles “são como a moinha que o vento espalha” (Sl 1.4). Esta é a resposta de Deus ao primeiro problema de Habacuque. Cook faz um excelente resumo: “Em uma declaração curta, dois aspectos gerais da inquirição do profeta são tratados: o orgulho e a injustiça dos invasores e a segurança da vida dos justos; em outras palavras, a proteção contra o mal e a salvação, com a condição de que a pessoa se mantenha firme ao princípio da fé”.⁸

O justo, pela sua fé, viverá. A palavra traduzida por **fé** é o hebraico *emunah*, derivado de um verbo que, originalmente, significa “ser firme”, usado no Antigo Testamento no sentido físico de firmeza, imobilidade, imperturbabilidade, constância.⁹ Portanto, a melhor tradução é “fidelidade” (cf. NVI). Fé é uma palavra para qual, no sentido ativo do Novo Testamento, o hebraico não tem equivalente – embora o termo “crer” seja derivado do mesmo radical que *emunah*.¹⁰

Emunah é a palavra usada para descrever as mãos levantadas de Moisés que estavam firmes (Êx 17.12). É também utilizada para dizer que os homens encarregados de tomar conta do dinheiro “procediam com fidelidade” (2 Rs 12.15). Dá a entender que se a pessoa não “sair correndo”, as circunstâncias que a cercam vão se modificar. É bom o significado sugerido por Lehrman sobre a intenção desta exortação: “Os israelitas justos, que permanecem inabalavelmente leais aos preceitos morais, resistirão, ainda que tenham de sofrer por seus princípios; ao passo que os ímpios, que desfrutam uma supremacia temporária por violarem o direito, no fim serão derrotados e humilhados”.¹¹

Assim, como diz Farrar, este oráculo “contém tudo que é necessário para a justificação de Deus e a consolação do homem”.¹²

A Septuaginta traduziu *emunah* por *pistis* (fé). Foi esta tradução que os escritores do Novo Testamento usaram e, assim, incorporaram a visão de Habacuque no âmago da pregação (*kerygma*) cristã. Paulo cita esta frase duas vezes (Rm 1.17; Gl 3.11) em defesa de sua doutrina da justificação pela fé. Com isto, ele “quer dizer o único ato de fé pelo qual o pecador obtém perdão e justificação”. Também é citado junto com a última frase do versículo 3 em Hebreus 10.37,38, para ilustrar os benefícios da fé.

Em 1.12 e 2.1-4, temos o que é “viver pela fé”. O texto é: **O justo, pela sua fé, viverá.** 1) Fé na santidade, justiça e poder de Deus, 1.12; 2) Fé mostrada e recompensada em oração vigilante, visão mais clara e obediência, 2.1-3 (G. B. Williamson).

D. O DESTINO DO GANANCIOSO, 2.5,6a

Esta passagem tem uma dificuldade dupla: a qual parágrafo deve ser acoplada? E como deve ser traduzida? Certos expositores têm a impressão de ser uma descrição culminante do caráter dos caldeus. Outros desejam associá-la aos *ais* que vêm a seguir, tornando-a sua introdução.

Pelo visto, o **vinho** (5) é o assunto. “Tanto mais que, o vinho é enganoso; o homem soberbo, que não fica em casa, que alarga o seu desejo como o sepulcro [*sheol*, inferno]” (ASV). O homem dado a beber vinho raramente fica em casa, por estar sujeito aos desejos e paixões inflamadas.

Eaton declara que esta tradução (ASV) tem pouco significado, mas defende este tipo de “personificação”. Afirma que o profeta cultural quase sempre utilizava o recurso de falar por enigmas ao proferir uma condenação, visto que não podia falar claramente por arriscar sua segurança. Este seria um oráculo em código secreto, dirigido como “parábola difícil de entender” para o inimigo. É a adoção de um provérbio sobre a natureza enganosa do vinho que, na verdade, se torna descrição dos conquistadores gananciosos.

Como muitos outros, Eaton combina a primeira parte do versículo 6 com a totalidade do versículo 5, e oferece sua própria tradução: “Não levantarão todos estes uma parábola contra ele, enigmas de fala indireta contra ele, dizendo...?” A maioria dos tradutores modernos descreve este texto como uma canção de escárnio (cf. NVI), “uma canção com insinuações ocultas e provocantes”.¹³ Desta forma, proporciona uma transição para a próxima seção.

SEÇÃO V

OS CINCO AIS

Habacuque 2.6b-20

Davidson considera a seção precedente a parte preliminar do livro, enquanto nesta seção está o verdadeiro tema da profecia. O escritor reputa que esta seção é subsidiária ao tema central, que é a passagem imediatamente anterior.

A maioria dos intérpretes entende que os “ais” desta seção são destinados aos caldeus, e talvez a intenção primária deste discurso seja mesmo essa. Contudo, estes princípios do mal estão sujeitos ao julgamento e ira de Deus onde quer que ocorram. Estes “ais” são paralelos aos “ais” de Isaías 5.8-25 e estão relacionados com a maldade do próprio povo de Habacuque.

A. O CAPITALISTA IMPIEDOSO, 2.6b-8

Os caldeus são comparados às pessoas que multiplicam riquezas às custas dos outros, sem ter consideração e sem se importar com o desespero das vítimas. Sua motivação é o desejo ardente e insaciável por ganho.

Dívidas (6) significam penhores. A Caldéia é usurária impiedosa, que impõe às nações pesados penhores. A palavra **multiplica** alude ao costume de cobrar juros, hábito execrado pelos judeus. “A profecia representa os caldeus como credores que extorquem pesados juros; portanto, as nações vitimadas são devedoras, mas também sabem trapacear, pois, quando sua vez chegar, castigarão os caldeus impiedosamente por suas extorsões”.¹ Este dito popular talvez parafraseie a idéia: “Quem com ferro fere com ferro será ferido”. O jogo logo virará e os que são vitimados se defenderão com a destruição dos opressores.

Abalar (7) é palavra muito forte no idioma hebraico. Tem o significado de “chocar violentamente”, “sacudir tremendamente”, como o vento sacode a árvore tanto que seu fruto precipita-se no chão.² Isto acontecerá para obrigá-los a devolver sua pilhagem, para “fazê-los se desprender” de seu ganho adquirido desonestamente.

Despojos (espólio) é plural e, portanto, intensivo para revelar a extensão da pilhagem a ser arrancada do opressor. A crença por trás deste brado é que existe a Lei de Talião na história, o princípio de retribuição de que a injustiça será punida; “quem saquear será saqueado”, medida por medida (cf. Is 33.1).

B. O VILÃO RICO, 2.9-11

Nesta “canção-insulto”, o brado é contra a ganância e auto-exaltação dos caldeus. Esta subdivisão descreve a nação que se desenvolve mediante saque e faz esforços somente para garantir egoisticamente a segurança própria. Agir assim é ajuntar em **casa bens mal adquiridos** (9). Neste esforço, o inimigo põe “em lugar alto o seu ninho, a fim de livrar-se das garras do mal” (ARA).³

A primeira canção afirmou a fé de Habacuque na lei da retribuição. Esta mensagem descreve a nação que procura esquivar-se desta lei. Mas, ao garantir-se como a águia em seu **ninho** (9) entre os penhascos, e silenciar todas as testemunhas contra si, esta nação pecou contra a sua **alma** (10). A **pedra**, a **trave** e o **madeiramento** (11) da casa gritam em protestos. “Na realidade, a casa seria mal-assombrada”.⁴

C. O GOVERNANTE FRAUDULENTO, 2.12-14

A mesma condenação expressa no versículo 12 é feita contra Jerusalém, em Miquéias 3.10, e contra Jeoaquim, em Jeremias 22.13,17: **Ai daquele que edifica a cidade com sangue!**

O versículo 13 tem dois significados possíveis. Um é que o povo oprimido não verá seus labores virarem fumaça para sempre. A idéia mais provável é que o resultado do empenho dos caldeus está destinado ao **fogo** (13), que destruirá as cidades que construíram. Seus trabalhos acabarão em **vaidade**. Esta mesma palavra é usada pelo *Kohelefh* (“o Pregador”) para descrever a vida sem Deus (Ec 1.2). Significa “vacuidade”, “vácuo”, “vazio” ou, literalmente, “esforçar-se em perseguição ao vento” (cf. “correr atrás do vento”, Ec 1.14, ARA). As cidades e reinos construídos com sangue são autoderrotas, que se abatem sobre os vencedores; tais conquistas são atos de suicídio histórico.

Em contraste com os reinos perecíveis da injustiça, estão as conquistas de Jeová cujo poder destruirá os governos deste mundo e se instalará sobre toda a terra. **Porque a terra se encherá do conhecimento da glória do SENHOR, como as águas cobrem o mar** (14). Os labores dos integrantes deste Reino não têm o destino final de ser queimado no fogo. Seus tesouros estão onde a traça e a ferrugem não corrompem, nem ladrões invadem e roubam (Mt 6.19).

D. O EXPLORADOR BÊBEDO, 2.15-17

O versículo 15 trata dos efeitos inebriantes do álcool, que leva a pessoa a tornar-se insensível. Conseqüentemente, expõe-se à ambição e exploração de qualquer um que

queira aproveitar-se dela. Pelo visto, o profeta, possivelmente, refere-se a Noé (Gn 9.21) ou a Ló (Gn 19.30-35).

A leitura vigente é de significado dúbio. A fim de usar a palavra **odre** (15), os pontos vocálicos devem ser alterados. Conforme consta no texto hebraico, a palavra é “ira” (cf. “furor”, ARA; NVI), bem parecida com **odre**. O próprio texto diz que a ira foi misturada com a bebida. Por conseguinte, Douglas traduz: “Ai daquele que dá de beber ao seu companheiro, que acrescenta droga à bebida e que o embebeda para lhe olhar a nudez”. Talvez o significado seja que os babilônios fazem suas vítimas beber (metaforicamente) vinho misturado com narcóticos para aumentar o estupor e a falta de força.⁵

Mas o princípio da retribuição opera. Aqueles que deram o cálice para as vítimas beberem serão forçados a tomar o **cálice da mão direita do SENHOR** (16). Ao bebê-lo, ficarão embriagados. O fato é que já estão fartos de **ignomínia**, e a conseqüente impotência resultará em desgraça para eles. O ímpio sofrerá a mesma coisa que infligiu nos outros.

O **vômito ignominioso** é uma palavra em hebraico, uma forma intensiva do termo “vergonha” (**ignomínia**). É um jogo de palavras entre a primeira frase – **farto de ignomínia em lugar de honra** (“glória”, NVI) – e este segundo uso intensivo: **Vômito ignominioso cairá sobre a tua glória**. Lehrman traduz **ignominioso** por “sujidade” e cita Kimchi ao interpretá-la como palavra composta de “desgraça” e “vômito”, indicativo do vômito que ocorre após a orgia do bêbedo.

De acordo com Isaías 14.8, os babilônios acabaram com as florestas do Líbano, fato que explica o significado do versículo 17. É interessante que Habacuque entenda que esta extorsão à natureza seja uma injustiça merecedora da retribuição divina. Concluímos que este parecer engloba a totalidade da vida porque está sob o governo divino. A violação indiscriminada da Natureza não deve prosseguir levemente nem sequer para propósitos religiosos (a construção de templos, como ocorrera com o inimigo).

E. O IDÓLATRA TOLO, 2.18-20

A denúncia destes versículos é exclusiva no ponto em que o **ai** é retido até o término da anunciação do oráculo (19). No caso dos ais precedentes, o “ai” sempre ocorre no começo. A intenção, talvez, é dar maior intensidade, porque é de natureza estritamente religiosa, a qual lida com a adoração de ídolos. A tolice da idolatria é caricaturada em linguagem comovente. O termo traduzido por **ídolos** (18) é uma palavra desdenhosa que significa “não-existências”. A tradução de Smith-Goodspeed descreve nitidamente o quadro surpreendente:

*Para que serve o ídolo quando o projetista o projeta
Ou a imagem fundida e o ensinador de mentiras?
Por ter projetado a imagem, confia nela,
De forma que fabrica não-existências mudas!*

Pode isso ensinar? (19). Habacuque admira-se que homens invoquem matéria inerte para se comunicar. Notou também que o ídolo mudo ensina mentiras, porque diz somente o que lhe é colocado na boca. Uma natureza corrompida a ponto de adorar ídolos

colocará em sua boca aprovação para coisas com as quais uma natureza pervertida deleitar-se-ia. Aqui, Habacuque mostra o absurdo de esperar revelação verdadeira destas criações humanas. A sentença informativa poderia dispor-se em forma de indagação, como: “Pode isto entregar alguma mensagem?” (NTLH).

Lembramos os insultos de Elias aos profetas de Baal que, em agonia, pleiteavam com a muda deidade que lhes respondesse (1 Rs 18.26-29), ou recordamos a paródia de Jeremias sobre idolatria registrada em seu livro no capítulo 10.3-16.

O versículo 20 é uma das passagens mais emocionantes do Antigo Testamento. Em contraste vívido com os ídolos mudos, que ficam em silêncio nos templos mórbidos cercados por adoração vil, **o SENHOR está no seu santo Templo; cale-se diante dele toda a terra.** Quem sabe esta seja uma convocação ao culto na linguagem de adoração ao Senhor no Templo. Neste caso, fornece transição adequada para o hino litúrgico do capítulo 3.

Cale-se é uma exclamação hebraica que significa “silêncio!” ou “fica quieto!” Assim a série de *ais* começa com a revelação que Deus está trabalhando. É uma convocação aos justos para que sejam fiéis. Esta afirmação de fé é o ponto crucial e apropriado ao versículo 4, o texto de ouro de Habacuque: “O justo, pela sua fé [fidelidade], viverá”.

SEÇÃO VI

HINO LITÚRGICO

Habacuque 3.1-19

A. INTRODUÇÃO, 3.1

Esta seção é chamada de **oração**, mas a súplica propriamente dita ocorre somente no versículo 2. A petição central é: **Aviva, ó SENHOR, a tua obra** (2), e o salmo inteiro é uma amplificação desta solicitação. Portanto, pode ser chamado salmo de súplica, no qual o profeta roga pelo cumprimento de sua visão sobre a intervenção divina.

Sob a forma de canto (1; “conforme sigionote”, ECA) significa, literalmente, “em ditirâmico”. A Septuaginta traduz a frase assim: “Para instrumentos de corda”. Henderson a traduz pela expressão “com música triunfal”, ao citar Delitzsch, o qual destaca que este tipo de música irregular serve especificamente para cânticos de vitória. A frase também é encontrada no título do Salmo 7 (“sigaiom”), onde poderia ser traduzida por: “Para a música de salmos de êxtase”. “Denota um curso perambulante, tortuoso e inconstante, no qual o pensamento, o sentimento e o tempo mudam subitamente em cada estrofe”.¹ Portanto, trata-se de uma instrução sobre o modo de dar musicalidade ao salmo.

O consenso dos expositores é que a chave para entender o capítulo é o Êxodo e seu efeito no pensamento de Israel. Este acontecimento histórico modela a expectativa do profeta sobre outra grande libertação divina e a oração para isso. Toma a forma de “revelação de Deus passível para a libertação de Israel”.²

As notas musicais indicam que este era um salmo usado na liturgia do Templo. Goza também de amplo emprego na pregação e poesia da igreja cristã. Agostinho, em *A Cidade de Deus* (18.32), faz uma exposição do salmo, e espiritualiza-o, para aplicar-se à primeira e Segunda Vinda de Cristo.

Também pode representar a visão que o profeta tinha de sua posição na torre de vigia (2.2), e o que *viu*, da mesma maneira que 2.4-20 é o que *ouviu*.

B. A ORAÇÃO, 3.2

Habacuque fala em nome do povo. O pano de fundo é a **tua palavra**, o relatório da fama de Jeová por ter libertado Israel do Egito (Nm 14.15; Dt 2.25). Não se trata de mera visão extática e imediata que o profeta recebe, mas tem claras raízes históricas. Entendemos que a história total do Antigo Testamento é um registro da *heilsgeschichte* (história de salvação), que mantém e interpreta os atos poderosos de Deus. Por conseguinte, as proclamações proféticas são feitas à luz dos acontecimentos, sobretudo do Êxodo. Habacuque está na corrente principal do pensamento do Antigo Testamento, ao contemplar a libertação do Egito como padrão de uma liberdade presente ou futura.

Ao ouvir isso, o profeta diz: **Temí**. O povo não tivera medo de ser ferido pela teofania anterior (Êxodo), mas pensar nela causava grande temor reverente. A oração do profeta é que Deus venha a renovar sua obra do Êxodo. **Aviva... a tua obra** não transmite toda a significação do que Habacuque quer dizer. Lehrman parafraseia a frase com exatidão: “Que Deus reproduza o seu poder redentor nos anos de dificuldade em que se encontram”.³

No meio dos anos é uma frase difícil de interpretar e muitos simplesmente a ignoram. Davidson a entende assim: “Nestes últimos tempos de nossa história, faz tua obra conhecida”, que é contextualmente correta. **Notifica** é reflexivo, que significa: “Faze a ti mesmo conhecido”.

Na ira lembra-te da misericórdia. G. A. Smith defende que essa **ira** deveria ser traduzida por “tumulto”. De acordo com ele, em nenhuma parte do Antigo Testamento o termo hebraico significa ira; mas rumor ou estrondo de trovão (Jó 37.2) e barulho dos cascos dos cavalos (Jó 39.24), ou a perturbação dos maus (Jó 3.17), ou a agitação do medo (Jó 3.25; Is 14.3).⁴ Se o cenário histórico tradicional for o período anterior à invasão dos caldeus, esta é uma observação cortante. C. L. Taylor Junior o apóia nesta tradução.⁵

Nos versículos 1 e 2, temos a “oração por avivamento”. 1) O avivamento é necessário, porque o pecado é excessivo, a religião é decadente e o julgamento é iminente, 1.4; 2.18-20; 2) O tempo do avivamento é hoje, agora – **no meio dos anos**; 3) O modo do avivamento é pela oração; 4) A esperança do avivamento está na **misericórdia** de Deus (G. B. Williamson).

Assim termina a petição. Em seguida, começa a descrição da nova manifestação de Deus aos homens, a **obra** de Jeová **no meio dos anos**.

C. A OBRA, 3.3-16

O padrão para esta visitação redentora é a grande obra feita anteriormente. Habacuque vê Deus que vem, como antigamente, **de Temã** (3), no noroeste de Edom, e de **Parã**, entre o Sinai e Edom (ver mapa 1). O cântico de Débora (Jz 5.4) também descreveu Deus que procede desta região para ajudar o seu povo. Ele vem como grande tempestade nos céus. Este é o modo característico que os hebreus usavam para descrever Jeová quando visitava seu povo. Deus está oculto em nuvens escuras, eletricamente carregadas, produtoras de relâmpagos e trovões que iluminam o céu e a terra. “A terra treme, os montes afundam e as tribos do deserto olham desanimadas”.⁶

Trata-se de linguagem altamente fantástica, difícil de exprimir e até a tradução mais bem feita só oferece significação figurativa, ou seja, nem sempre admite interpretação precisa. O sentimento aterrador da presença de Deus e a certeza confiante da libertação de seu povo são de importância capital. As descrições da natureza e as alusões geográficas revelam que o profeta tinha em mente o padrão do Êxodo para esta libertação dos últimos dias.⁷

A Versão Bíblica de Berkeley transmite com sua forma poética o estado de espírito da passagem. As notas ajudam o leitor a entender as alusões históricas feitas pelo profeta.

*Deus vem de Tema,⁸ o Santo vem do monte de Parã.⁹ Selá.
A sua majestade cobre os céus, e a terra está cheia do seu louvor.
O seu brilho é como a luz¹⁰ raios flamejam da sua mão,
E ali está o esconderijo do seu poder.
Adiante dele sai a praga, e a febre ardente segue os seus pés.
Ele pára e vasculha a terra; olha e assusta as nações.¹¹
As montanhas eternas se espalham;¹²
Os montes perpétuos se curvam; o seu procedimento é como o dos tempos antigos.¹³
Vejo as tendas de Cusã em angústia;
As cortinas da terra de Mídia¹⁴ estão tremendo.
O Senhor está desgostoso com os rios?
A tua raiva é contra os rios,
Ou a tua ira é contra o mar,
Para que tu montes nos teus cavalos,
Em teus carros de vitória?
Tu tiraste o teu arco da bainha e colocaste setas na corda. Selá.
Tu passaste pela terra com rios;
As montanhas te vêem e sentem dores aflitivas;
Os rios espumosos passam impetuosamente.¹⁵
As profundezas levantam a voz e erguem as mãos para o alto.¹⁶
O sol e a lua ficam parados nas suas habitações;¹⁷
Diante da luz das tuas setas que avançam depressa,
Diante do clarão da tua lança brilhante.
Tu cavalgas na terra com indignação;
Tu espancaste as nações na tua ira.
Tu marchaste para libertar o teu povo,
Para salvar os teus ungidos.
Tu demoliste o topo da casa dos descrentes,
Ao colocar a descoberto a fundação até à pedra mais profunda. Selá.
Tu perfuraste a cabeça dos seus guerreiros com os seus próprios dardos;¹⁸
Aqueles que vêm como vendaval para me debandar,
Alegrando-se como se devorassem o inocente¹⁹ em segredo.
Tu pisaste o mar com os teus cavalos;
As águas poderosas se amontoam.*

Após narrar esta manifestação aterrorizante do poder divino, Habacuque diz: **Estremeci** (16). “O peito arfa, os dentes batem e ele está a ponto de desfalecer”.²⁰ Como devem ter ficado muito mais aterrorizados aqueles que são alvos do poder de Deus! Mais do que instilar medo, a visão confirma a tranquilidade e paciência do profeta. Ele vai esperar calmamente pelo **dia da angústia**. Embora o texto seja ambíguo, o significado provável é que a **angústia** venha a se abater sobre os invasores de Israel (*i.e.*, os caldeus).

D. A AFIRMAÇÃO DE FÉ, 3.17-19

Não há como saber com certeza se a descrição no versículo 17 diz respeito aos resultados da invasão ou a uma calamidade natural. Contudo, essa indefinição de modo algum altera a expressão básica de confiança do profeta. Diante de condições adversas, a fé de Habacuque em Jeová permanece inalterada. Estes versículos formam o clímax adequado, não só para o salmo, mas para o livro inteiro. As palavras são expressão bela, em suas ramificações mais amplas, de 2.4: “O justo, pela sua fé, viverá”. A descrição de Henderson é apropriada: “A passagem contém a mais bonita exibição do poder da verdadeira religião encontrada na Bíblia. A linguagem é pertinente a uma mente desmamada dos prazeres terrenos, e acostumada a ter a mais sublime realização dos seus desejos em Deus”.²¹

Esta é uma religião “mas-se-não”, que não depende de prosperidade ou bem-estar para manter a fé em Deus ou a determinação de lhe ser fiel. Semelhante aos três príncipes hebreus que reconheceram a contingência da libertação (Dn 3.17,18), assim Habacuque quer permanecer íntegro a despeito da evolução gradual dos acontecimentos.

A força deste modo de entender a religião é expressa nas palavras: Deus **fará os meus pés como os das cervas** (19). As **cervas** (antílopes) são notáveis pela rapidez com que correm e pela segurança com que se movimentam em terreno acidentado. Dizem que os galgos ficam sujeitos à morte pelo esforço excessivo com que perseguem os antílopes. Nos penhascos rochosos da tribulação e da incerteza onde pôr os pés, a fé proporciona orientação infalível e estabilidade para trilhar o caminho instável. Estes lugares elevados não são os caminhos habituais, mas são procurados somente em tempos de guerra ou perigo, quando o inimigo está em perseguição acirrada. **Fará andar sobre as minhas alturas** é, talvez, a posse triunfal dos lugares celestiais (**as minhas alturas**). Portanto, há uma promessa oculta de vitória pelo sofrimento e provação. A fé que suporta é autêntica.

A frase final é mais ou menos repetição de 3.1. Mostra que este salmo era usado na adoração pública. A palavra “Selá”, neste capítulo, é uma pausa musical que também ocorre em outros pontos do livro de Salmos.

Notas

INTRODUÇÃO

- ¹ Citado em C. F. Keil e Franz Delitzsch, "The Twelve Minor Prophets", *Biblical Commentary on the Old Testament* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1954; reimpressão).
- ² Charles L. Taylor Jr., "Habakkuk" (Exegesis), *The Interpreter's Bible*, editado por George A. Buttrick *et al.*, vol. VI (Nova York: Abingdon Press, 1956), p. 974.
- ³ *Ib.*, p. 977.

SEÇÃO I

- ¹ G. A. Smith, "The Book of the Twelve Prophets", *The Expositor's Bible*, editado por W. Robertson Nicoll, vol. II (Nova York: A. C. Armstrong & Son, 1896), p. 131.
- ² Davidson, *op. cit.*, p. 48.
- ³ T. W. Farrar, *The Minor Prophets* (Nova York: Fleming H. Revell Company, s.d.), p. 161.
- ⁴ Taylor, *op. cit.*, p. 981.

SEÇÃO II

- ¹ S. R. Driver, "The Minor Prophets", *The New Century Bible*, editado por Walter F. Adeney, vol. II (Nova York: Oxford University Press, 1906), p. 67.
- ² *Ib.*, p. 67, nota de rodapé.
- ³ Taylor, *op. cit.*, p. 982.
- ⁴ J. H. Eaton, *Obadiah, Nahum, Habakkuk and Zephaniah* (Londres: SCM Press, 1961), *loc. cit.*
- ⁵ Lehrman, *op. cit.*, p. 215.
- ⁶ Ebenezer Henderson, *The Book of the Twelve Minor Prophets* (Nova York: Sheldon & Company, 1864), *ad. loc.*
- ⁷ Ver Taylor, *op. cit.*, p. 983.

SEÇÃO III

- ¹ David A. Hubbard, "Habakkuk", *The Biblical Expositor*, editado por Carl F. H. Henry, vol. II (Filadélfia: A. J. Holman Company, 1960), p. 348.

SEÇÃO IV

- ¹ Davidson, *op. cit.*, p. 74.
- ² Taylor, *op. cit.*, p. 986.
- ³ Davidson, *op. cit.*, p. 75.
- ⁴ Lehrman, *op. cit.*, p. 219.
- ⁵ John E. McFadyen, "Habakkuk", *Abingdon Bible Commentary*, editado por Frederick Carl Eiselen *et al.* (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1929), p. 806.
- ⁶ Cf. H. H. Rowley, *The Relevance of Apocalyptic*, 2.^a ed. (Londres: Lutterworth Press, 1947).

⁷Taylor, *op. cit.*, p. 988.

⁸Farrar, *op. cit.*, p. 165.

⁹Smith, *op. cit.*, p. 140.

¹⁰IB, vol. VI, p. 989.

¹¹Lehrman, *op. cit.*, p. 219.

¹²Farrar, *op. cit.*, p. 168.

¹³Taylor, *op. cit.*, p. 990.

SEÇÃO V

¹Driver, *op. cit.*, p. 79.

²Lehrman, *op. cit.*, p. 220.

³Smith, *op. cit.*, p. 146.

⁴McFadyen, *op. cit.*, p. 807.

⁵Lehrman, *op. cit.*, p. 222.

SEÇÃO VI

¹EwaId, citado em Farrar, *op. cit.*, p. 171.

²Smith, *op. cit.*, p. 149.

³Lehrman, *op. cit.*, p. 224.

⁴Taylor, *op. cit.*, p. 150, nota de rodapé.

⁵Smith, *op. cit.*, p. 997.

⁶Driver, *op. cit.*, p. 87.

⁷Smith, *op. cit.*, p. 150.

⁸Temã era o distrito que ficava a noroeste de Edom.

⁹O monte de Parã situava-se entre a península do Sinai e a cidade de Cades-Barnéia.

¹⁰A plena luz do sol.

¹¹O olhar do Juiz os fez recuar amedrontados.

¹²As rachaduras se abrem diante dele (Mq 1.4).

¹³Quando Jeová se levantou no curso da história durante o Êxodo.

¹⁴Midiã é o país que ficava na costa oriental do golfo de Áqaba.

¹⁵As vigorosas correntes de água, descendo pelas montanhas, cavaram canais na terra e encheram de terror os vádís secos.

¹⁶As ondas ficaram bem altas.

¹⁷Ver Js 10.12,13.

¹⁸Os inimigos ficarão em pânico e virarão as armas contra si mesmos (Zc 14.13).

¹⁹O povo sofredor e aflito de Deus.

²⁰Driver, citado em Lehrman, *op. cit.*, p. 228.

²¹Henderson, *op. cit.*, p. 318.

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

5

Oséias a
Malaquias

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

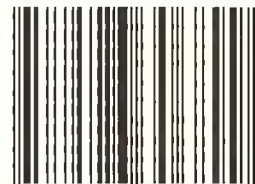
Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que “subsiste eternamente”.

Oscar F. Reed
Armor D. Peisker
H. Ray Dunning
William M. Greathouse

ISBN 85-263-0689-8



9 788526 306899